

ÍNDICES DE DEPRESSÃO E ANSIEDADE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA NO INTERIOR PARANAENSE

INDEX OF DEPRESSION AND ANXIETY AMONG UNIVERSITY STUDENTS AT A PRIVATE INSTITUTION IN THE INTERIOR OF PARANÁ

ÍNDICES DE DEPRESIÓN Y ANSIEDAD EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS DE UNA INSTITUCIÓN PRIVADA DEL INTERIOR DE PARANÁ

Fabício Duim Rufato¹

Letícia Venâncio Peres²

Wallerya Ayardes Mendes Valeriano³

Código DOI

Resumo

Este estudo objetivou identificar os índices de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes universitários de uma IES privada do interior paranaense. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo quantitativa por meio de levantamento de dados, utilizando-se os Inventários de Beck para Depressão (BDI) e para Ansiedade (BAI), aplicados aos acadêmicos de graduação. Os resultados evidenciaram que aproximadamente 40% dos estudantes apresentavam sofrimento psíquico, além de um grupo expressivo com diagnóstico de transtorno mental e uso de medicamentos psicotrópicos. Entre os grupos mais afetados estavam os dos estudantes mais jovens e das mulheres. O sofrimento psíquico universitário relaciona-se às construções sociais que fragmentam e alienam o sujeito, agravadas pela falta de apoio institucional. Esse cenário demanda ações preventivas e interventivas que promovam saúde mental e ambientes acadêmicos mais inclusivos.

Palavras-chave: Sofrimento Psíquico. Saúde Mental. Acadêmicos. Ensino Superior.

Abstract

This study aimed to identify the rates of anxiety and depression symptoms among university students from a private higher education institution in the interior of Paraná, Brazil. To this end, a quantitative field study was conducted through data collection, using the Beck Depression Inventory (BDI) and Beck Anxiety Inventory (BAI) applied to undergraduate students. The results showed that approximately 40% of the students experienced psychological distress, in addition to a significant group with a diagnosed mental disorder and the use of psychotropic medication. The most affected groups were younger students and women. University-related psychological distress is linked to prevailing social constructs that fragment and

¹ União Educacional do Médio Oeste Paranaense, Assis Chateaubriand-PR, Brasil. Email: fabricao-rufato@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0514-3882>

² União Educacional do Médio Oeste Paranaense, Assis Chateaubriand-PR, Brasil. Email: leticia_perez@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6280-8488>

³ União Educacional do Médio Oeste Paranaense, Assis Chateaubriand-PR, Brasil. Email: lecaamv@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6110-4412>

alienate the individual, exacerbated by the lack of institutional support. This scenario calls for preventive and intervention actions that promote mental health and more inclusive academic environments.

Keywords:

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar los índices de síntomas de ansiedad y depresión en estudiantes universitarios de una institución de educación superior privada del interior de Paraná, Brasil. Para ello, se realizó una investigación de campo de enfoque cuantitativo mediante la recolección de datos, utilizando el Inventario de Depresión de Beck (BDI) y el Inventario de Ansiedad de Beck (BAI) aplicados a estudiantes de grado. Los resultados evidenciaron que aproximadamente el 40% de los estudiantes presentaban malestar psicológico, además de un grupo significativo con diagnóstico de trastorno mental y uso de medicamentos psicotrópicos. Los grupos más afectados fueron los estudiantes más jóvenes y las mujeres. El malestar psicológico universitario está relacionado con las construcciones sociales vigentes que fragmentan y alienan al sujeto, agravadas por la falta de apoyo institucional. Este escenario demanda acciones preventivas e interventivas que promuevan la salud mental y entornos académicos más inclusivos.

Palabras clave: *Sufrimiento Psíquico. Salud Mental. Academia. Educación Superior.*

Introdução

Os índices de depressão e ansiedade têm apresentado um crescimento significativo em todas as faixas etárias, configurando-se como um grave problema de saúde pública. A procura por atendimentos psicológicos e psiquiátricos no Sistema Único de Saúde (SUS) tem aumentado consideravelmente, assim como as listas de espera (OMS, 2020). No contexto universitário, esse cenário torna-se ainda mais preocupante, uma vez que esta fase é marcada por intensas mudanças, pressões acadêmicas, cobranças sociais e incertezas em relação ao futuro, fatores que podem contribuir para o aumento deste sofrimento (Monzón, 2007; Freitas *et al.*, 2023).

A literatura aponta que transtornos de ansiedade e depressão impactam diretamente no bem-estar, na qualidade de vida e no desempenho acadêmico dos estudantes, podendo levar à evasão e até a quadros mais graves, como a ideação suicida (Freitas *et al.*, 2023; Rufato; Rossetto; Wilkon, 2022). Estudos recentes indicam que, aproximadamente, um bilhão de pessoas sofrem com algum transtorno mental no mundo, com destaque para os transtornos depressivos e ansiosos, que cresceram mais de 25% no primeiro ano da pandemia de Covid-19 (OMS, 2020). Esses quadros refletem, também, características da sociedade contemporânea, marcada por individualismo, competitividade, precarização das relações sociais e exigências de alto desempenho (Bauman, 2001; Andrade, 2018).

No meio acadêmico, além das exigências curriculares, da sobrecarga de tarefas e da dificuldade de conciliar estudos, trabalho e vida pessoal, muitos estudantes enfrentam barreiras de acesso a serviços de saúde mental e encontram resistência institucional em discutir o tema (Oliveira *et al.*, 2021). Ainda que algumas instituições busquem estratégias internas de acolhimento e prevenção, a maioria não conta com políticas estruturadas ou profissionais qualificados para lidar com a alta demanda (Rufato; Rossetto; Wilkon, 2022). Nesse sentido, torna-se fundamental que as Instituições de Ensino Superior (IES) adotem práticas humanizadoras, ampliem o diálogo sobre saúde mental, implementem estratégias de rastreio precoce e encaminhamento de estudantes em sofrimento e promovam um ambiente mais acolhedor e saudável (Oliveira *et al.*, 2006; Freitas *et al.*, 2023).

Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo identificar os índices de sintomas de ansiedade e depressão entre acadêmicos dos cursos de graduação de uma instituição privada do interior do Paraná, bem como analisar possíveis diferenças de prevalência entre grupos populacionais específicos (áreas de curso, gênero e faixa etária).

Metodologia

Este estudo é de abordagem quantitativa, natureza básica e caráter exploratório, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, levantamento e pesquisa de campo. Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico em fontes secundárias, conforme Lakatos e Marconi (2003), com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre os transtornos depressivos e ansiosos e sua prevalência entre universitários. Em seguida, realizou-se a coleta de dados por meio de pesquisa de campo com acadêmicos de todos os cursos de graduação presenciais de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada localizada no oeste do Paraná. A população-alvo foi composta por 654 alunos matriculados em oito cursos presenciais noturnos: Administração (70), Biomedicina (56), Ciências Contábeis (64), Direito (86), Enfermagem (112), Engenharia Agrônoma (88), Pedagogia (59) e Psicologia (119). Do total, 254 estudantes responderam ao questionário, porém um deles foi excluído por não autorizar sua participação no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), resultando em uma amostra final de 253 estudantes, correspondente a 38,69% do total de matriculados.

A coleta de dados foi realizada online por meio da plataforma *Google Forms*, utilizando um questionário estruturado em três blocos: (1) caracterização sociodemográfica, contendo questões sobre idade, sexo, curso, situação profissional, uso de medicação psicotrópica, histórico de tratamento em saúde mental e familiares com transtornos mentais; (2) Inventário de Beck para Depressão (BDI), instrumento composto por 21 itens que avaliam sintomas cognitivos, afetivos e somáticos de depressão (Cunha 2001; Maluf, 2002; Padrós; Sánchez, 2021), com coeficiente alfa de Cronbach variando de $\alpha = .78$ a $\alpha = .92$; e (3) Inventário de Beck para Ansiedade (BAI), igualmente composto por 21 itens relacionados a sintomas cognitivos, somáticos e afetivos de ansiedade (Cunha 2001; Maluf, 2002; Muntingh *et al.*, 2011), que apresenta consistência interna elevada ($\alpha = .87$).

O projeto foi previamente autorizado pela direção da IES e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado sob o parecer CAAE: 75634323.4.0000.0107. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos, a voluntariedade e o caráter confidencial do estudo, bem como sobre a necessidade de assinatura do TCLE. Os dados coletados foram tratados por meio de estatística descritiva, incluindo média, desvio padrão, frequências e porcentagens, utilizando o software *Microsoft Excel 2019* (versão 16.0). Também foram comparadas as médias dos grupos por sexo, faixa etária e áreas dos cursos de graduação, com o objetivo de verificar possíveis diferenças significativas nos índices de sintomas de depressão e ansiedade.

Resultados

A realização desta pesquisa teve como propósito identificar os índices de ansiedade e depressão entre os acadêmicos dos cursos de graduação da IES em estudo, assim como questionar se há diferenças nesses índices de acordo com diferentes grupos populacionais, como por áreas de curso, gênero e faixa etária. Nesta seção, são apresentados exclusivamente os resultados obtidos através do recolhimento de dados realizado na IES, tendo sido os resultados organizados quantitativamente de acordo com a abordagem da pesquisa.

Para uma melhor visualização destes dados foram elaborados gráficos e tabelas para disposição dos resultados obtidos.

Análises descritivas de caracterização da amostra de pesquisa

Primeiramente, verificou-se estatisticamente a quantidade de participantes no estudo. De acordo com os dados, a amostra foi composta por 253 acadêmicos da IES, equivalente a 38,69% do total de 654 estudantes matriculados na instituição. Da amostra total, 181 (71,54%) participantes são representadas pelo sexo feminino, 71 (28,06%) do sexo masculino e um (0,4%) participante identificou-se fora do binário de gênero.

Identificou-se em relação à idade que 30 (11,86%) dos participantes apresentavam 17 anos; 56 (22,13%), 18 anos; 30 (11,86%), 19 anos; 24 (9,49%), 20 anos; 32 (12,65%), 21 anos; 12 (4,74%), 22 anos; oito (3,16%), 23 anos; 10 (3,95%), 24 anos; cinco (1,98%), 25 anos; três (1,19%), 26 anos; três (1,19%), 27 anos; dois (0,79%), 28 anos; dois (0,79%), 29 anos; e 36 (14,22%) tinham 30 anos ou mais.

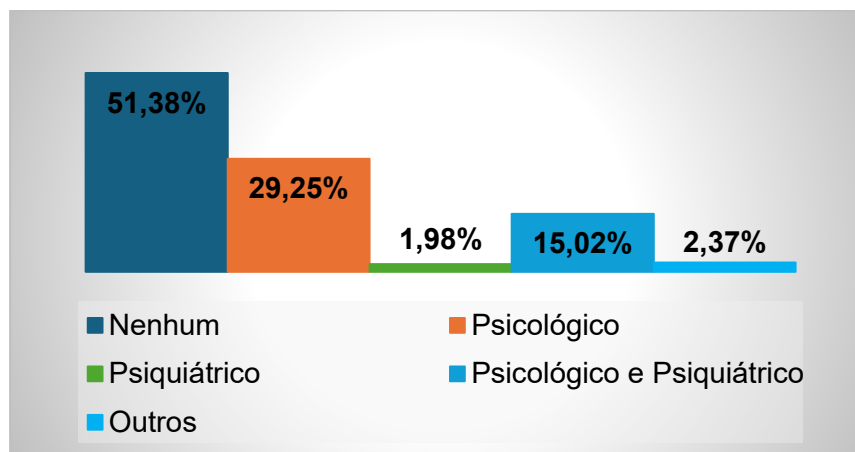
Classificando-se em grupos, identificaram-se 172 (67,98%) alunos com idades entre 17 e 21 anos, 35 (13,84%) entre 22 e 25 anos, 10 (3,95%) entre 26 e 29 anos e 36 (14,23%) com 30 anos ou mais. Percebe-se que a faixa etária com mais participantes na pesquisa foi de 17 a 21 anos, representando mais de 65% da amostra total.

Em relação ao curso de graduação, verificou-se se na amostra que 79 participantes cursam Psicologia (31,22%), 40 são de Administração (15,81%), 35 de Agronomia (13,83%), 27 de Ciências Contábeis (10,67%), 24 de Direito (9,49%), 20 de Biomedicina (7,91%), 17 de Pedagogia (6,72%) e 11 de Enfermagem (4,35%).

Outra questão da análise deu-se em relação a com quem esses estudantes residem. Moram com a família 198 alunos (78,26%), 33 (13,04%) moram com companheiro(a), 18 (7,12%) residem sozinhos e 4 (1,58%) com amigos. No que se refere ao trabalho, 217 (85,77%) participantes possuem um emprego e somente 36 (14,23%) não trabalham. Entre os 217 que têm algum vínculo empregatício, 133 (61,29%) trabalham de 5 a 8 horas por dia, 57 (26,27%) trabalham mais de 8 horas diárias e 27 (12,44%) ocupam funções de até 4 horas por dia.

No que se refere a tratamentos em saúde mental, o gráfico abaixo representa que 123 (48,62%), ou seja, quase metade da população pesquisada, faz ou já fez algum tratamento em saúde mental, seja com psicólogo, psiquiatra ou ambos os profissionais. Em contrapartida, 130 (51,38%) participantes nunca realizaram nenhum tratamento em saúde mental.

Gráfico 1 - Tipos de tratamento em saúde mental



Fonte: dados da pesquisa.

No que concerne ao diagnóstico de transtorno mental, verificou-se que 52 (20,55%) dos participantes possuem algum transtorno mental diagnosticado e 201 (79,45%) não apresentam nenhum diagnóstico. Vale ressaltar que entre os estudantes diagnosticados, 22 (8,7%) apresentam mais de um diagnóstico de transtorno mental.

A tabela 1 caracteriza a lista dos transtornos mentais em que os participantes declararam ter algum diagnóstico, a respectiva quantidade de alunos diagnosticados com cada transtorno e a porcentagem desse valor em relação à amostra total dos 253 estudantes participantes da pesquisa.

Tabela 1 - Diagnóstico de transtorno mental

Transtorno mental	Alunos	% total
Transtorno de Ansiedade	39	15,42%
Depressão	14	5,53%
Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade	10	3,95%
Transtorno de Pânico	7	2,77%

Transtorno Bipolar	6	2,37%
Transtorno do Espectro Autista	3	1,19%
Transtorno Obsessivo-compulsivo	2	0,79%
Transtorno Explosivo Intermitente	1	0,39%
Transtorno de Oposição Desafiante	1	0,39%
Transtorno da Personalidade Borderline	1	0,39%
Transtorno de Compulsão Alimentar	1	0,39%
Transtorno Disruptivo da Desregulação do Humor	1	0,39%
Fobia Social	1	0,39%

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação à medicação, 177 (69,96%) dos estudantes não fazem uso de algum tipo de medicação, 49 (19,37%) fazem uso de medicamentos psiquiátricos e 27 (10,67%) dos acadêmicos fazem uso de medicação contínua, porém não para tratamento em saúde mental. Os dados da pesquisa apontaram também que 129 (51%) participantes possuem alguém da família com diagnóstico de transtorno mental, em oposição a 124 (49%) estudantes, que não têm familiares com transtornos mentais.

Por fim, quando questionados se o fato de estarem na faculdade e terem de lidar com as demandas da vida universitária, tais como avaliações, entrega de trabalhos, publicação científica, frequência de aulas etc., gera algum sofrimento mental nos estudantes, 205 (81,03%) acadêmicos afirmaram que sim, que sofrem psiquicamente com as demandas da faculdade, contra somente 48 (18,97%) dos alunos que responderam não sentir nenhum tipo de sofrimento mental em relação à vida acadêmica. Eles também citaram quais são os tipos de sofrimento mental gerados, sendo que 143 (56,52%) estudantes apontaram sofrer de ansiedade em decorrência da faculdade, 78 (30,83%) indicaram sentir estresse, 34 (13,44%) citaram ter pensamentos negativos e 24 (9,49%) relataram ter crises de choro. Também foram citados sentimentos como insegurança, medo, esgotamento físico e emocional, crises de pânico, tristeza, nervosismo, culpa, entre outros. Vale ressaltar que entre os 205 participantes, 96 (37,94%) relataram sentir mais de um tipo de sofrimento mental.

A tabela 02 representa os tipos de sofrimento mental gerados pelo fato de estar na faculdade e ter que lidar com as demandas da vida universitária, a quantidade de estudantes que sofrem com cada tipo de sofrimento e a porcentagem desta quantia sobre o valor total da amostra correspondente a 253 participantes.

Tabela 2 - Tipo de sofrimento mental gerado

SOFRIMENTO MENTAL	QUANTIDADE	% TOTAL
Ansiedade	143	56,52%
Estresse	78	30,83%
Pensamentos negativos	34	13,44%
Crise de choro	24	9,49%
Insegurança	9	3,56%
Medo	8	3,16%
Esgotamento físico	5	1,98%
Crises de pânico	5	1,98%
Depressão	5	1,98%
Autocobrança	4	1,58%
Nervosismo	3	1,19%
Tristeza	3	1,19%
Insônia	3	1,19%
Angústia	3	1,19%
Esgotamento mental	3	1,19%
Raiva	2	0,79%
Culpa	2	0,79%
Compulsão alimentar	2	0,79%
Euforia	1	0,40%
Mau humor	1	0,40%
Vontade de desistir	1	0,40%
Fracasso	1	0,40%

Fonte: dados da pesquisa.

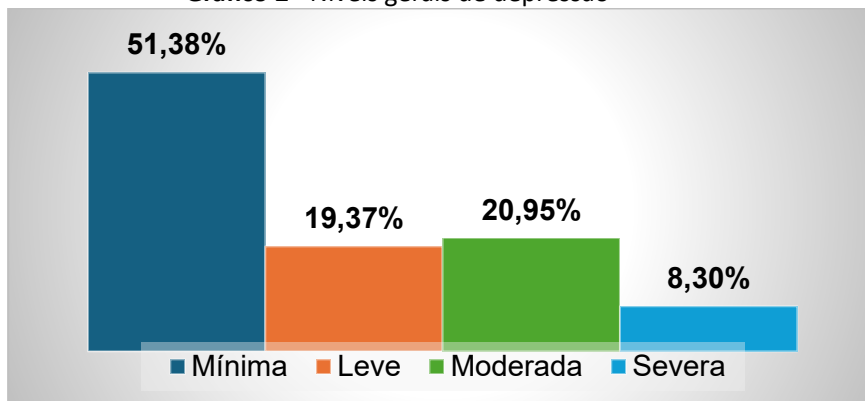
Esses dados tornam evidente que a grande maioria dos estudantes universitários sofrem psicologicamente em decorrência das demandas geradas pela faculdade, necessitando assim, de maior atenção dos professores, da equipe pedagógica, da gestão administrativa e da instituição de ensino superior como um todo; para, portanto, evitar o desenvolvimento ou intensificação de transtornos mentais nessa população, que naturalmente já apresenta maior vulnerabilidade psíquica.

Análises descritivas em relação aos inventários BDI e BAI

Os inventários BDI (Beck Depression Inventory) e BAI (Beck Anxiety Inventory) representam e avaliam dados relacionados a sintomas de adoecimento psíquico. O primeiro reporta dados sobre comportamentos cognitivos, afetivos e somáticos da depressão, enquanto o segundo reporta dados de forma cognitiva, afetiva e somática sobre os sintomas característicos de ansiedade. Ambos os inventários, além de identificarem a presença dos sintomas, também classificam a intensidade, podendo ser de intensidade mínima, leve, moderada ou severa.

De acordo com o inventário BDI, os dados mostraram que 130 (51,38%) dos universitários apresentam sintomas de depressão mínima, 49 (19,37%) evidenciam depressão leve, 53 (20,95%) exprimem depressão moderada e 21 (8,30%) revelam depressão severa. Esses dados estão representados no gráfico 5. É importante evidenciar que no inventário BDI, 33 (13,04%) participantes afirmaram na questão um estarem tão tristes e infelizes que não conseguem aguentar e 71 (28,06%) dos estudantes responderam na questão dois que se sentem desencorajados frente ao futuro.

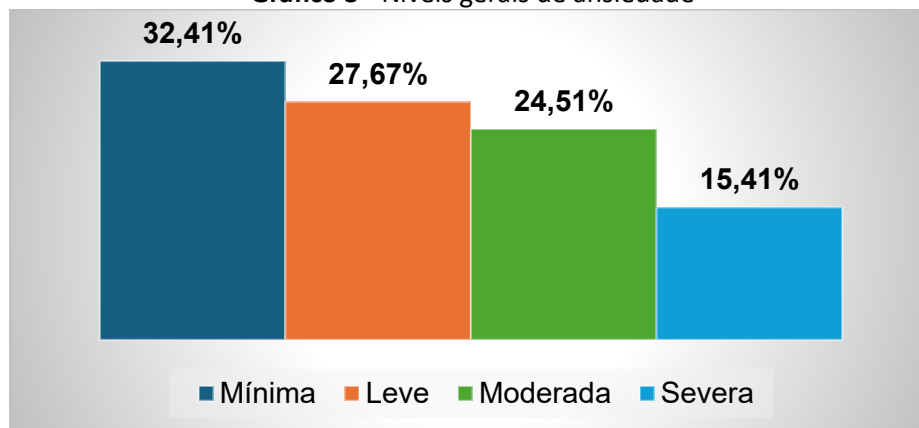
Gráfico 2 - Níveis gerais de depressão



Fonte: dados da pesquisa.

Em relação ao inventário BAI, identificou-se que 82 (32,41%) dos participantes da pesquisa apresentam sintomas de ansiedade mínima, 70 (27,67%) manifestam ansiedade leve, 62 (24,52%) evidenciam ansiedade moderada e 39 (15,41%) revelam ansiedade severa.

Gráfico 3 - Níveis gerais de ansiedade

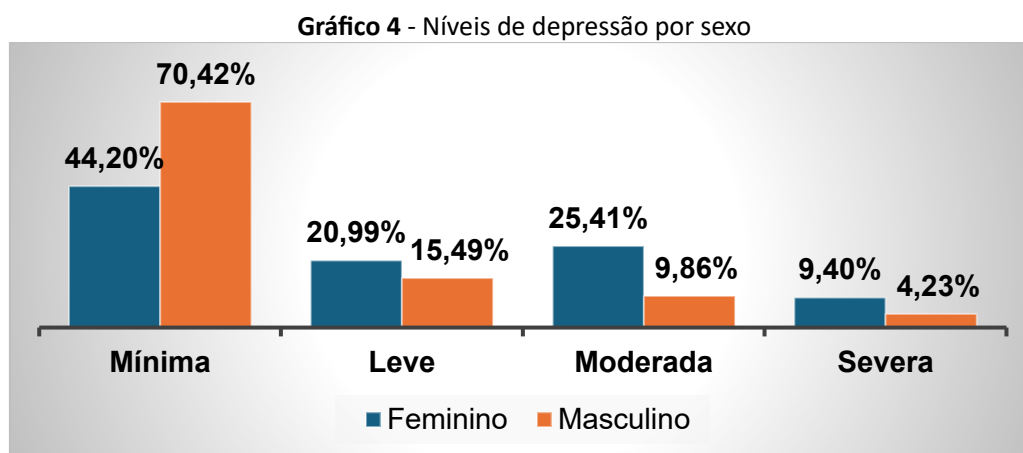


Fonte: dados da pesquisa.

Outro dado relevante é a classificação dos níveis de depressão de acordo com o sexo do estudante, sendo que os índices de depressão leve, moderada e severa são maiores entre o sexo feminino. Em contrapartida, nos participantes de sexo masculino, o nível de depressão mínima possui a maior quantidade de representantes.

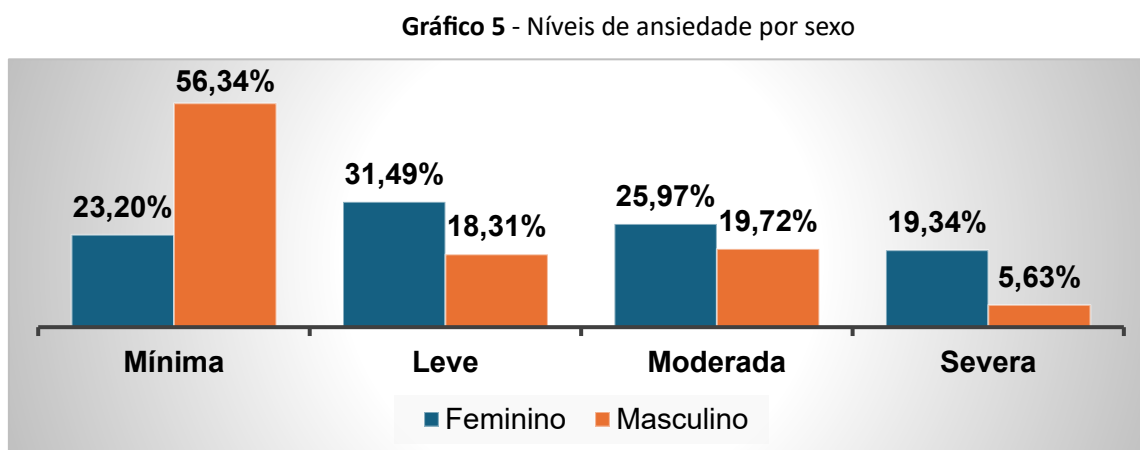
Do total de 181 mulheres participantes, 80 (44,20%) apresentam sintomas de depressão mínima, 38 (20,99%) evidenciam depressão leve, 46 (25,41%) revelam depressão moderada e 17 (9,40%) exprimem

depressão severa. Enquanto isso, do total de 71 homens participantes, 50 (70,42%) apresentam depressão mínima, 11 (15,49%) indicam depressão leve, 7 (9,86%) evidenciam depressão moderada e somente 3 (4,23%) revelam depressão severa. Destaca-se que a taxa dos níveis de depressão severa entre o sexo feminino é mais que o dobro da taxa entre o sexo masculino.



Fonte: dados da pesquisa.

Em relação à classificação dos níveis de ansiedade de acordo com o sexo do estudante, identificou-se novamente que as taxas de ansiedade de nível leve, moderada e severa são maiores entre o sexo feminino, enquanto nos participantes de sexo masculino o nível de ansiedade mínima possui a maior quantidade de representantes. Ressalta-se que a taxa do nível de ansiedade severa entre o sexo feminino é maior que o triplo (3,44x) dessa taxa entre o sexo masculino.



Fonte: dados da pesquisa.

Um fator relevante, encontrado na amostra, foi a classificação dos níveis de depressão de acordo com a faixa etária do estudante. Identificou-se que a faixa etária com o maior índice de depressão severa (14,29%) situa-se entre os participantes de 22 a 25 anos de idade. Em contrapartida, no grupo de estudantes de 26 a 29 anos, não há estudante algum situado no nível severo de depressão, faixa etária essa que, também, apresenta a maior taxa de depressão mínima (60%) de todos os grupos. Esses dados estão representados no gráfico 9.

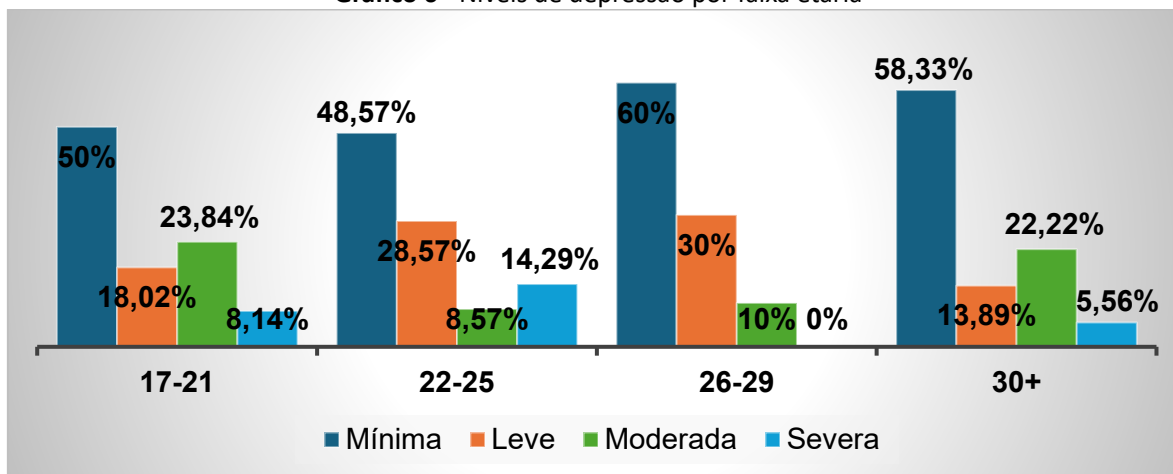
Na faixa etária de 17 a 21 anos, composta por 172 participantes da amostra, 86 (50%) apresentam sintomas de depressão mínima, 31 (18,02%) evidenciam depressão leve, 41 (23,84%) manifestam depressão moderada e 14 (8,14%) se encontram no nível de depressão severa.

Entre os participantes situados na faixa etária de 22 a 25 anos, representados por 35 participantes da amostra, 17 (48,57%) manifestam sintomas de depressão mínima, 10 (28,57%) evidenciam depressão leve, três (8,57%) apresentam depressão moderada e cinco (14,29%) revelam depressão severa.

No grupo de estudantes de 26 a 29 anos, composto por 10 participantes da amostra, seis (60%) apresentam sintomas de depressão mínima, três (30%) evidenciam depressão leve, um (10%) manifesta depressão moderada e nenhum (0%) se enquadra no nível de depressão severa.

Na faixa etária de 30 anos ou mais, representada por 36 participantes da amostra total, 21 (58,33%) evidenciam sintomas de depressão mínima, cinco (13,89%) manifestam depressão leve, oito (22,22%) revelam depressão moderada e dois (5,56%) apresentam intensidade severa de depressão.

Gráfico 6 - Níveis de depressão por faixa etária



Fonte: dados da pesquisa.

Outro dado significativo da pesquisa que pôde ser observado foram as classificações dos níveis de ansiedade de acordo com a faixa etária dos participantes. Verificou-se que o maior índice de ansiedade severa (19,77%) se encontra entre os estudantes mais jovens da amostra, de 17 a 21 anos de idade. Em contraposição, no grupo de participantes da faixa etária de 30 anos ou mais, identificou-se a maior taxa de ansiedade mínima (52,78%) e a segunda menor taxa de ansiedade severa entre os grupos (2,78%). Esses dados estão representados no gráfico 7.

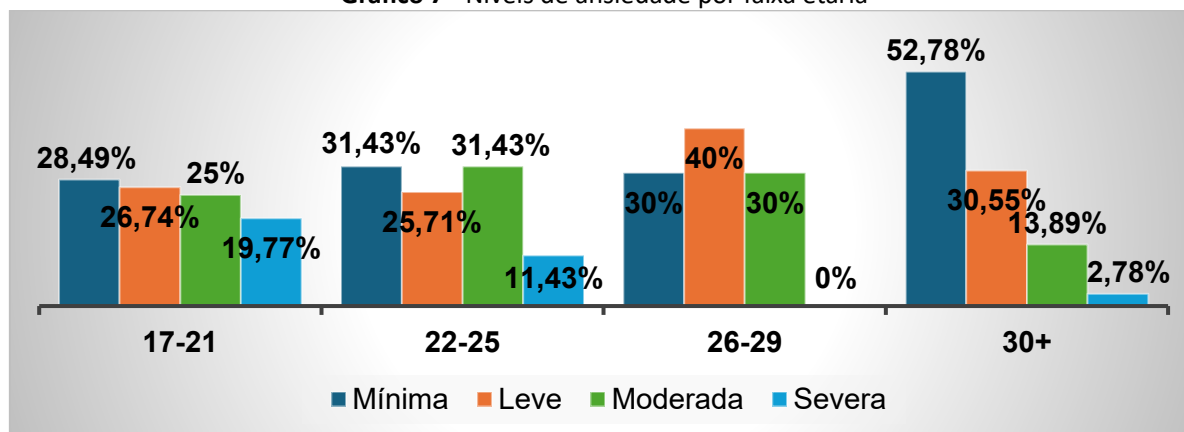
Na faixa etária de 17 a 21 anos, composta por 172 participantes da amostra total, 49 (28,49%) apresentam sintomas de ansiedade mínima, 46 (26,74%) manifestam ansiedade leve, 43 (25%) evidenciam ansiedade moderada e 34 (19,77%) se encontram no nível de ansiedade severa.

No grupo de estudantes de 22 a 25 anos, representados por 35 participantes da amostra, 11 (31,43%) revelam sintomas de ansiedade mínima, nove (25,71%) apresentam ansiedade leve, 11 (31,43%) evidenciam ansiedade moderada e quatro (11,43%) manifestam ansiedade severa.

Entre os universitários situados na faixa etária de 26 a 29 anos, composto por 10 participantes da amostra, três (30%) evidenciam sintomas de ansiedade mínima, quatro (40%) manifestam ansiedade leve, três (30%) apresentam ansiedade moderada e nenhum (0%) se enquadra no nível de ansiedade severa.

Na faixa etária de 30 anos ou mais, representada por 36 participantes da amostra total, 19 (52,78%) manifestam sintomas de ansiedade mínima, 11 (30,55%) evidenciam ansiedade leve, cinco (13,89%) revelam ansiedade moderada e somente um estudante (2,78%) apresenta intensidade severa de ansiedade.

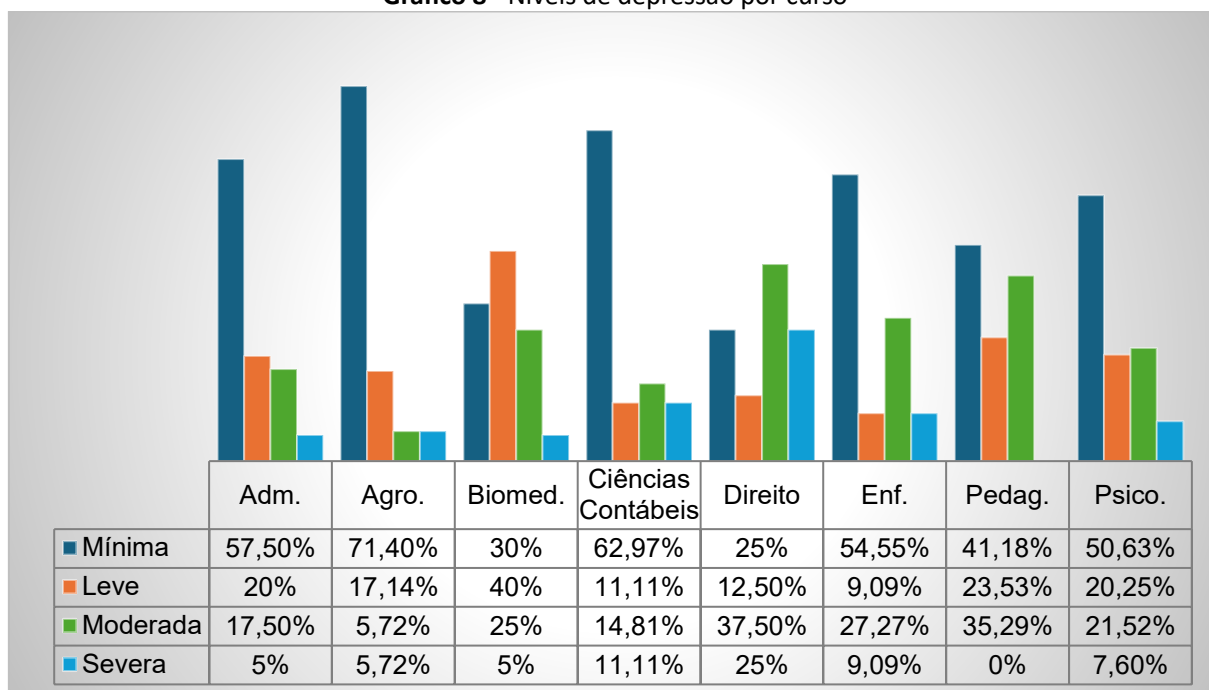
Gráfico 7 - Níveis de ansiedade por faixa etária



Fonte: dados da pesquisa.

No que se refere aos níveis de depressão, de acordo com o curso de graduação, o curso de Direito apresentou os dados mais alarmantes em relação às taxas de depressão entre os estudantes, tendo as maiores taxas tanto de depressão moderada (37,50%) quanto as de depressão severa (25%) entre todos os cursos. Ciências contábeis (11,11%), Enfermagem (9,09%) e Psicologia (7,60%) também apresentaram taxas relativamente altas no nível de depressão severa.

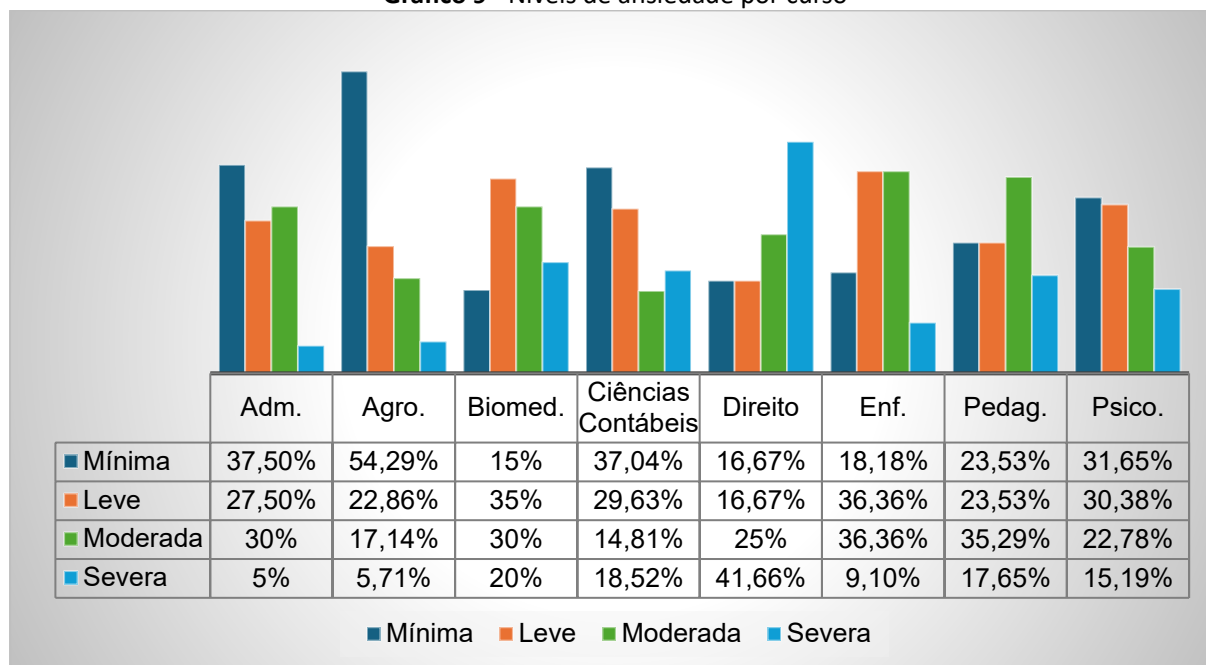
Gráfico 8 - Níveis de depressão por curso



Fonte: dados da pesquisa.

Relativo aos níveis de ansiedade, de acordo com o curso de graduação, quase todos os cursos apresentaram elevadas taxas de ansiedade severa entre seus estudantes, com exceção de Administração (5%) e Agronomia (5,71%). Novamente, Direito pontuou como o curso com o maior índice de ansiedade severa (41,66%), seguido de Biomedicina (20%), Ciências Contábeis (18,52%), Pedagogia (17,65%), Psicologia (15,19%) e Enfermagem (9,10%).

Gráfico 9 - Níveis de ansiedade por curso



Fonte: dados da pesquisa.

Análise e discussão dos dados

Por meio dos dados quantitativos obtidos, buscou-se satisfazer aos objetivos estabelecidos neste estudo. A análise foi concentrada em torno das taxas apresentadas nos diferentes níveis de depressão e ansiedade, assim como das variações desses índices de acordo com diferentes grupos populacionais da amostra, subdivididos por gênero, faixa etária e curso de graduação.

Através dos dados alcançados pela realização do questionário aplicado, juntamente com as informações obtidas com a pesquisa bibliográfica efetuada, pode-se dizer que a parcela de estudantes do ensino superior brasileiro que sofrem com quadros de ansiedade e depressão é cada vez maior, além de que a população universitária, de forma geral, vem manifestando sofrimento psíquico em números alarmantes e em contínuo crescimento. De acordo com Karino e Laros (2014), entre a população universitária em todo o mundo, é estimado que aproximadamente 20% apresentam algum tipo de transtorno mental, sendo que os mais prevalentes são os transtornos ansiosos, assim como no presente estudo, 40% apresentam sintomas de sofrimento e/ou adoecimento psíquico. No entanto, é importante destacar que Karino e Laros (2014) apontam que mais de 80% desses transtornos já estavam presentes no

indivíduo antes do seu ingresso na universidade; contudo as demandas do ambiente acadêmico podem atuar como catalisador ou intensificador na manifestação dos sintomas envolvidos no sofrimento psíquico.

Segundo a Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos (ABRATA), estima-se que 4,4% da população mundial sofre de depressão, aproximadamente 350 milhões de pessoas, e no Brasil essa estimativa é ainda maior, cerca de 5,8% dos brasileiros possui depressão. Atualmente, entre os países em desenvolvimento, o Brasil é o que apresenta o maior número de indivíduos deprimidos (ABRATA, 2019). Em sua bibliografia sobre a depressão, Dunker (2022) cita um estudo realizado pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo sobre a prevalência de transtornos mentais no Brasil e na cidade de São Paulo, o qual mensurou que entre 18% e 26% da população brasileira apresenta sintomas de depressão há, no mínimo, um ano, enquanto na maior capital do país, 27% dos moradores apresentam sintomas depressivos (Dunker, 2022).

Um estudo da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2017) estimou que cerca de 3,6% das pessoas em todo o mundo apresentam algum tipo de transtorno de ansiedade, e que o Brasil se configura como o país com o maior índice de população que sofre com esse transtorno, sendo que 9,3% dos brasileiros apresentam sintomas ansiosos, o que equivale aproximadamente a 20 milhões de indivíduos com ansiedade no país.

A depressão e a ansiedade configuram-se na contemporaneidade como os transtornos psiquiátricos com maior visibilidade e relevância, visto que a depressão é considerada como a principal causa de incapacitação entre as pessoas em todo o mundo, além de que a ansiedade é o transtorno mental mais prevalente, também gerando altos índices de sofrimento e inabilidade entre os indivíduos (Kinrys; Wygant, 2005; Corbanezi, 2021).

Entre os universitários participantes da presente pesquisa, observou-se de forma geral, entre homens e mulheres, uma prevalência de 20,95% de sintomas de depressão moderada e 8,30% de depressão severa, totalizando aproximadamente 30% dos estudantes com sintomas moderados e severos para depressão, dados que corroboram com as pesquisas citadas acima sobre os índices de depressão na população brasileira e alertam para as altas taxas de prevalência deste transtorno na sociedade atual. Em relação aos sintomas de ansiedade, os índices foram ainda maiores entre os universitários, tendo-se identificado 24,51% dos participantes com sintomas de ansiedade moderada e 15,41% com intensidade

severa, cerca de 40% dos acadêmicos com sintomas mais críticos para ansiedade, novamente expressando e servindo como alerta para a elevada presença de transtornos mentais entre a população universitária.

Dunker (2022) elucida sobre o conceito de patologia do social, que traduz as fragilizações e objetificação dos vínculos humanos, a doutrinação do princípio do desempenho (no qual o valor do indivíduo é medido pela sua capacidade de produção), as contradições, alienações e fragmentações da sociedade de cada época, o que leva a um adoecimento, físico e psíquico, em razão do sujeito estar inserido e em completa dependência desse contexto social. Considerando-se que a depressão e a ansiedade se configuram acima de tudo como patologias do social, Dunker (2022, p. 130) sustenta que “à medida que o laço social organizado pelo mercado e pela capitalização das experiências intersubjetivas se expande, e com ele se expandem os ideais e suas estratégias de segregação”, maior será a incidência desses transtornos na sociedade.

Dessa forma, quando se busca compreender o sofrimento mental e psíquico, se faz extremamente necessário desenvolver um olhar para além do biomédico, uma análise e criticidade do indivíduo em sua totalidade, ou seja, compreender dialeticamente o ser como biológico, psicológico e social. Assim sendo, para desmistificar as altas taxas de transtornos mentais na população, é preciso olhar para as relações sociais vigentes e o contexto socioeconômico que o indivíduo está inserido, ao invés de unicamente o responsabilizar ou culpabilizar pelo seu sofrimento.

Em relação às hipóteses psicanalíticas sobre a depressão, Dunker (2022) afirma que elas consideram esse transtorno como uma patologia do processo de reconhecimento, seja do próprio Eu, do outro ou do desejo reprimido. Essa hipótese também é utilizada pelos estudiosos que relacionam o aumento da prevalência de depressão com à expansão da cultura que doutrina e idealiza a performance e o desempenho como métricas de sucesso, bem-estar e realização pessoal. Sobre o discurso envolto à saúde mental, Corbanezi (2021) aponta que o estabelecimento da depressão como doença, na maior parte das vezes, é um sintoma social, posto que a sociedade impõe como saúde e bem-estar o que ela projeta como patológico.

Rose (2018) faz uma observação sobre como o contexto econômico tem ganhado destaque, progressivamente, acima do contexto social, apontando que a principal evidência da Organização Mundial da Saúde, para justificar e apoiar investimentos em promoção de saúde mental, é uma tabela de cálculos,

dados e análises quantitativas sobre como o bem-estar psíquico das pessoas influencia em termos de rendimento e produção.

Corbanezi (2021) discorre sobre a concepção empresarial da vida e a teoria do capital humano presentes na sociedade:

A cultura do desempenho, decorrente da economia neoliberal que se vive na sociedade contemporânea, leva ao adoecimento físico e mental do indivíduo ao exigir que ele esteja sempre produzindo, sendo útil e gerando riqueza para os donos do capital. O seu valor como pessoa é medido pelo seu rendimento e sucesso econômico, e a individualidade, a subjetividade e o desejo deixam de ter importância e ficam à mercê do próximo bem de consumo adquirido (Corbanezi, 2021). Diante dessa realidade, o sujeito, aos poucos, é transformado em apenas mais uma medida econômica de produção, o que inevitavelmente leva ao adoecimento do indivíduo.

Além das altas taxas de sofrimento mental e psíquico observadas, através da presente pesquisa pode-se verificar também que tanto as taxas de depressão quanto as de ansiedade, moderadas e severas, são expressivamente mais elevadas entre as mulheres, com diferenças em média de duas a três vezes maiores se comparado com as masculinas. Os dados representam devidamente que as mulheres são, ou estão, mais propensas que os homens a desenvolverem depressão e ansiedade, o que é justificado principalmente por diversas questões sociais e de gênero enfrentadas pela categoria feminina.

Sobre as mulheres serem um grupo mais propenso a desenvolver um transtorno depressivo ao longo da vida, se contraposto aos homens, Dunker (2022) descreve que as mulheres apresentam o dobro de chances de sofrerem com depressão maior, não obstante, a prevalência desse transtorno entre qualquer grupo clínico estudado, continua sendo maior no grupo das mulheres. Várias teorias buscam justificar esses números, tais como as hipóteses dos genes, dos hormônios, das infecções repetidas, mas principalmente o papel social implicado para a mulher e o déficit de reconhecimento e valorização dele.

Em relação à ansiedade, Kinrys e Wygant (2005) apontam que as mulheres ao longo da vida apresentam um risco consideravelmente maior que os homens para desenvolver transtornos de ansiedade, sendo que dados de diversas pesquisas epidemiológicas têm demonstrado que mulheres possuem o dobro de probabilidade para desenvolver transtorno de ansiedade generalizada, transtorno do pânico e transtorno do estresse pós-traumático. Além da maior prevalência dos transtornos de ansiedade

entre as mulheres, elas também tendem a apresentar maior sintomatologia clínica, maior cronicidade e mais comorbidades psiquiátricas associadas.

Essa maior prevalência de transtornos de depressão e ansiedade entre as mulheres pode ser explicada, entre outros inúmeros fatores, pelas questões de gênero e pelos papéis aos quais as mulheres são submetidas na sociedade patriarcal e pela cultura machista. Teixeira *et al.* (2024) dialogam que além de sofrerem violência psicológica, doméstica, financeira, física e sexual, as mulheres ainda lutam diariamente por reconhecimento, buscando alcançar espaços na sociedade e no mercado de trabalho. Na pesquisa realizada pelas autoras, foi entrevistado um grupo de mulheres que relataram sentir o peso e a responsabilidade social imposta sobre o gênero feminino, vivenciando sofrimento e a sensação de ser um alvo constante devido ao excesso de expectativas às quais estão sujeitas desde o nascimento e por toda a vida.

As representações sociais, às quais as mulheres estão submetidas, se originam de forma cultural e por meio de instituições estatais, familiares e sociais. Nesse sentido, essa perspectiva de sociedade compreende que as mulheres devem aderir ao casamento, à maternidade, ao culto aos padrões de beleza e ao papel de submissão em relação aos homens, seja no trabalho ou em casa. Esses são apenas alguns exemplos das infinitas demandas às quais elas devem atender para estar em conformidade com o que é socialmente esperado. Diante de tantas exigências sociais e da não valorização e reconhecimento das mulheres, compreende-se por que a prevalência de transtornos de ansiedade e depressão é mais elevada nesse grupo se comparado à população masculina.

Em relação às faixas etárias dos participantes da pesquisa, pode-se observar que os universitários mais jovens, que têm entre 17 e 25 anos de idade, apresentaram os índices mais elevados de sintomas de depressão e ansiedade em intensidade moderada e severa. As taxas identificadas nesse grupo populacional foram expressamente maiores do que nos estudantes acima de 26 anos, evidenciando uma maior suscetibilidade ao adoecimento mental entre os jovens universitários.

Rufato (2023), em sua pesquisa de doutorado sobre adoecimento psíquico em jovens universitários, verificou que os estudantes mais jovens apresentam maior sofrimento mental em razão das dificuldades enfrentadas no período intermediário entre a adolescência e início da vida adulta. Nesse período, ingressar em uma faculdade, muitas vezes morando longe da família, somado à expectativa pela

vida profissional, as demandas acadêmicas, dificuldades financeiras e responsabilidades aumentadas, são variáveis estressoras que contribuem com o adoecimento e até mesmo como início ou intensificação de transtornos mentais.

Sobre a realidade dos jovens universitários, o autor complementa:

Pensando na realidade dos jovens universitários entre 18 e 29 anos, sujeitos dessa pesquisa, pode-se dizer que, esse período pelo qual estão passando, trata-se de um período crítico de transição qualitativa para a vida adulta, no qual se vêem incumbidos da superação da fase de adolescência, com vistas à carreira profissional, a qual muitas vezes não foi sua escolha, há cobranças quanto à vida afetiva e à formação de uma nova identidade agora adulta, entre outras exigências da família e da sociedade. E de certa forma, os conflitos internos e externos que vivenciam aumentam as possibilidades de adquirir sintomas de ansiedade, estresse e depressão, principalmente aquele jovem que enfrenta situações de maior complexidade, seja as externas (estudos, finanças, relacionamentos), como as internas (conflito de personalidade, traumas, imaturidade) (Rufato, 2023, p. 205).

Pode-se constatar que, entre os universitários, os mais jovens são os que apresentam maior vulnerabilidade ao sofrimento psíquico e adoecimento mental devido a alguns fatores específicos relacionados ao contexto biológico, psicológico e social dessa faixa etária. Como exemplos estão os conflitos internos inerentes à transição da adolescência para vida adulta, que envolvem um processo de luto, subjetivação e construção da identidade, assim como as dificuldades externas, como as demandas excessivas da vida universitária, as altas expectativas e cobranças do meio social em relação ao desempenho na vida profissional, pessoal, amorosa e familiar. Lidar com tantas mudanças e cobranças ao mesmo tempo, é estressante, desencadeando preocupações excessivas, o que pode levar a quadros de ansiedade e depressão.

No que se refere aos cursos de graduação presentes na IES em estudo, o curso que apresentou os melhores indicativos de saúde mental e os menores índices de depressão e ansiedade entre os estudantes foi Administração. A princípio, esperava-se que os cursos da área da saúde apresentassem os maiores índices de ansiedade e depressão entre os universitários, porém, na prática, essa diferença não foi observada. Em contrapartida, o curso de Direito foi o que apresentou as maiores taxas de depressão e ansiedade, números extremamente elevados e preocupantes; cabendo à instituição, portanto, direcionar atenção específica a estes estudantes na busca de compreender melhor essa situação e os fatores envolvidos nesses resultados.

Em relação ao excesso de patologização e medicalização do sujeito na sociedade atual, os dados obtidos pela pesquisa corroboram com esse contexto socioeconômico. Identificou-se que entre os participantes da pesquisa, expressivos 20,55% já receberam algum diagnóstico de transtorno mental (os transtornos mais citados foram os diagnósticos de Transtorno de Ansiedade, Depressão e Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade - TDAH), e entre o grupo que possui diagnóstico, 8,7% já foi diagnosticado com mais de um transtorno. Além disso, observou-se também que 19,37% dos universitários fazem uso de medicamentos psiquiátricos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2017), o crescimento do uso de drogas lícitas prescritas para o tratamento de sintomas depressivos e/ou ansiosos, tais como medicamentos antidepressivos e ansiolíticos, já atingem aproximadamente 20% da população mundial.

O processo de patologização, de acordo com Bellenzani e Carvalho (2021), ocorre quando hábitos, comportamentos e processos que causam sofrimento ao indivíduo e que refletem o contexto histórico, cultural e social da época, são usurpados pela medicina clássica e transformados em sintomas clínicos e psiquiátricos justificados por uma falha biológica, cognitiva, físico-química ou psíquica no indivíduo. A medicalização refere-se à apropriação desse processo de patologização, via produção de diagnósticos de transtornos mentais, para conduzir ao uso de medicamentos psicotrópicos como tratamento e recurso terapêutico.

O que se constata é que, na contemporaneidade, ocorre um excesso de diagnósticos de transtornos mentais e, conseqüentemente, a medicalização como forma de tratamento desses sintomas, uma verdadeira banalização do sofrimento psíquico. Ao invés de olhar para o meio social, que reflete e desencadeia muitos desses sintomas, é mais simples e vantajoso para a doutrina neoliberal culpabilizar o indivíduo pelo seu sofrimento, oferecendo ao sujeito uma passividade e desesperança em relação à melhora dos sintomas e à busca pela saúde mental e qualidade de vida.

No que concerne à relação direta entre o fato das demandas da vida universitária, tais como avaliações, entrega de trabalhos, publicação científica, frequência de aulas etc., tudo isso gera sofrimento mental nos estudantes; logo constatou-se que 81,03% dos participantes da pesquisa experienciam sofrimento mental decorrente dessas exigências, apresentando sintomas de ansiedade, estresse,

pensamentos negativos, crises de choro, insegurança, esgotamento físico e emocional, nervosismo, entre outros.

Considerando o ambiente acadêmico, Silva *et al.* (2021) apontam que a vida universitária interfere no bem-estar e na saúde mental dos estudantes, que se apresentam como uma população mais vulnerável e de risco para os transtornos depressivos, ansiosos e para o uso de drogas lícitas e ilícitas. Dessa forma, as autoras propõem que as universidades desenvolvam ações para prevenir o agravamento de transtornos mentais nos discentes.

Rufato (2023) afirma que os elevados índices de sintomas de depressão, ansiedade e estresse existentes entre os estudantes universitários são fatores potenciais para o início e/ou agravamento de transtornos mentais. Dessa realidade, surge a necessidade de a instituição olhar para a saúde mental dos universitários, buscando agir de maneira dinâmica na relação entre estudante e universidade, com o intuito de diminuir o sofrimento psíquico e melhorar a qualidade de vida e o bem-estar de seus acadêmicos.

Em suma, as instituições de ensino superior configuram-se como um ambiente de extrema competição, cobranças e incertezas, que são fatores de estresse. Além disso, há também os já existentes conflitos internos e externos apresentados pelos estudantes ao ingressar na universidade, devido aos processos e dificuldades dessa faixa etária no contexto social. Tudo isso se soma, tornando-se o contexto social ideal para o surgimento e/ou intensificação de transtornos mentais nos universitários. Por isso, se faz necessário que essas instituições desenvolvam estratégias voltadas para a promoção da saúde mental, da qualidade de vida e do bem-estar de seus estudantes, auxiliando direta e indiretamente nas reduções do sofrimento psíquico e da prevalência de transtornos mentais nesse grupo populacional.

Considerações finais

O presente estudo permitiu compreender que o processo de sofrimento e adoecimento psíquico entre estudantes universitários está diretamente relacionado a fatores biopsicossociais e às construções sociais contemporâneas. Em um cenário global de aumento exponencial de transtornos depressivos e ansiosos, a incidência desses sintomas entre universitários se apresenta de forma alarmante, configurando-se como uma questão de saúde pública. Esse grupo, além de enfrentar as exigências

impostas pela sociedade do desempenho, precisa lidar com demandas acadêmicas intensas, como cargas horárias extensas, estágios, conciliação com o trabalho e distanciamento familiar, fatores que potencializam o adoecimento mental.

A análise dos dados evidenciou que há um número significativo de jovens em sofrimento psíquico, com índices moderados a severos de sintomas de ansiedade e depressão. Confirmou-se também a hipótese de diferenças significativas entre grupos populacionais: mulheres e estudantes mais jovens apresentaram níveis mais elevados de sofrimento quando comparados a homens e estudantes acima de 30 anos.

Diante desse cenário, torna-se urgente que as instituições de ensino superior adotem políticas públicas e ações efetivas de prevenção e promoção da saúde mental. Sugere-se a continuidade de estudos sobre a influência das construções sociais no adoecimento psíquico estudantil, com o intuito de aprofundar o conhecimento científico e contribuir para o desenvolvimento de estratégias de cuidado mais eficazes e humanizadoras no contexto acadêmico.

Referências

ANDRADE, A. C. **A depressão na contemporaneidade: o mal do mundo moderno**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Anhanguera de Anápolis, Anápolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br//handle/123456789/22317>. Acesso em: 07 ago. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FAMILIARES, AMIGOS E PORTADORES DE TRANSTORNOS AFETIVOS (ABRATA). **Depressão e adolescentes**. 2019. Disponível em: <https://www.abrata.org.br/depressao-e-adolescentes/>. Acesso em: 26 out. 2024.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLENZANI, R.; CARVALHO, B. P. **Psicologia Histórico-Cultural na universidade: pesquisas implicadas**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2021.

CORBANEZI, E. **Saúde mental, depressão e capitalismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CUNHA, J. A. **Manual da versão em português das Escalas Beck**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DUNKER, C. **Uma biografia da depressão**. 4. ed. São Paulo: Planeta, 2022.

- FREITAS, P. H. B. *et al.* Symptoms of depression, anxiety and stress in health students and impact on quality of life. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, e3885, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/kSvsSfZmj8cHwXG38BJp8Zv/>. Acesso em: 7 ago. 2023.
- KARINO, C. A.; LAROS, J. A. Ansiedade em situações de prova: evidências de validade de duas escalas. **Psico-USF**, v. 19, n. 1, p. 23–36, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/t6xKNSZrrkMyfWRRzfBPNVh/>. Acesso em: 14 out. 2024.
- KINRYS, G.; WYGANT, L. E. Anxiety disorders in women: does gender matter to treatment? **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 27, p. 43-50, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/BFx4r3BVv54Vy9Hh7FfmJnk/>. Acesso em: 09 out. 2024.
- MALUF, T. P. G. **Avaliação de sintomas de depressão e ansiedade em uma amostra de familiares de usuários de drogas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/17948>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- MONZÓN, I. M. M. Estrés académico en estudiantes universitarios. **Apuntes de Psicología**, v. 25, n. 1, p. 87–99, 2007. Disponível em: <https://www.apuntesdepsicologia.es/index.php/revista/article/view/117>. Acesso em: 7 ago. 2023.
- MUNTINGH, A. D. T. *et al.* Is the Beck anxiety inventory a good tool to assess the severity of anxiety? **BMC Family Practice**, v. 12, n. 66, 2011. DOI: 10.1186/1471-2296-12-66.
- OLIVEIRA, B. R. G.; COLLET, N.; VIEIRA, C. S. A humanização na assistência à saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 277-284, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/dvLXxtBqr9dNQzjN8HWR3cg/>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- OLIVEIRA, K. A. *et al.* Prevalence of antidepressant drug use by health students in Brazil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, e286101119641, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19641>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Geneva: WHO, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/254610>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- PADRÓS, F.; SÁNCHEZ, B. E. P. Estructura interna y confiabilidad do BDI (Beck Depression Inventory) em universitários de Michoacán (México). **Psicodebate**, v. 21, n. 1, p. 7-17, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7959328>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- ROSE, N. **Our Psychiatric Future**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2018.

RUFATO, F. D. **O adoecimento psíquico de jovens universitários**: uma discussão sobre a saúde mental na Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023.

RUFATO, F. D.; ROSSETTO, E.; WILKON, N. W. V. Psychic illness in young university students. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 15, n. 34, e16903, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v15i34.16903>.

SILVA, M. E. A. *et al.* Saúde mental dos estudantes universitários. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 9, e6228, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/6228>. Acesso em: 19 out. 2024.

TEIXEIRA, A. A. *et al.* Representações Sociais sobre Ser Mulher na Sociedade Contemporânea. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, e264821, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FH3b98kP9XpTnWn5YGPYRkn/>. Acesso em: 19 out. 2024. WORLD HEALTH

ORGANIZATION (WHO). **Depression and other common mental disorders**: Global health estimates. Geneva: WHO, 2017.

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CCBY-NC4.0)

Como citar este artigo:

RUFATO, Fabrício Duim; PERES, Letícia Venâncio; VALERIANO, Wallerya Ayarden Mendes. Racismo algorítmico e representatividade: um diálogo sobre justiça, inclusão e tecnologia. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 22, 2025. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/12168>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Contribuições individuais: Conceituação, Metodologia, Recursos, Software, Visualização, Curadoria dos Dados, Investigação, e Escrita – Primeira Redação: [Letícia Venâncio Peres; Wallerya Ayarden Mendes Valeriano]. Análise Formal, Administração do Projeto, Supervisão, Validação, e Escrita – Revisão e Edição: [Fabrício Duim Rufato].

Declaração de uso de Inteligência Artificial: Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram a ferramenta ChatGPT (OpenAI), versão GPT-5.3, ano de 2026, para apoio na correção ortográfica, revisão gramatical e aprimoramento da clareza textual. Após o uso desta ferramenta, os

autores revisaram e editaram integralmente o conteúdo em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Revisores: Fernando Arthur Gregol (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT).

Sobre os autores:

FABRÍCIO DUIM RUFATO é doutor em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e professor na faculdade UNIMEO-CTESOP.

LETÍCIA VENÂNCIO PERES é graduada em Psicologia pela UNIMEO-CTESOP.

WALLERYA AYARDES MENDES VALERIANO é graduada em Psicologia pela UNIMEO-CTESOP.

Recebido em 4 de novembro de 2025
Versão corrigida recebida em 8 de abril de 2026
Aprovado em 20 de abril de 2026